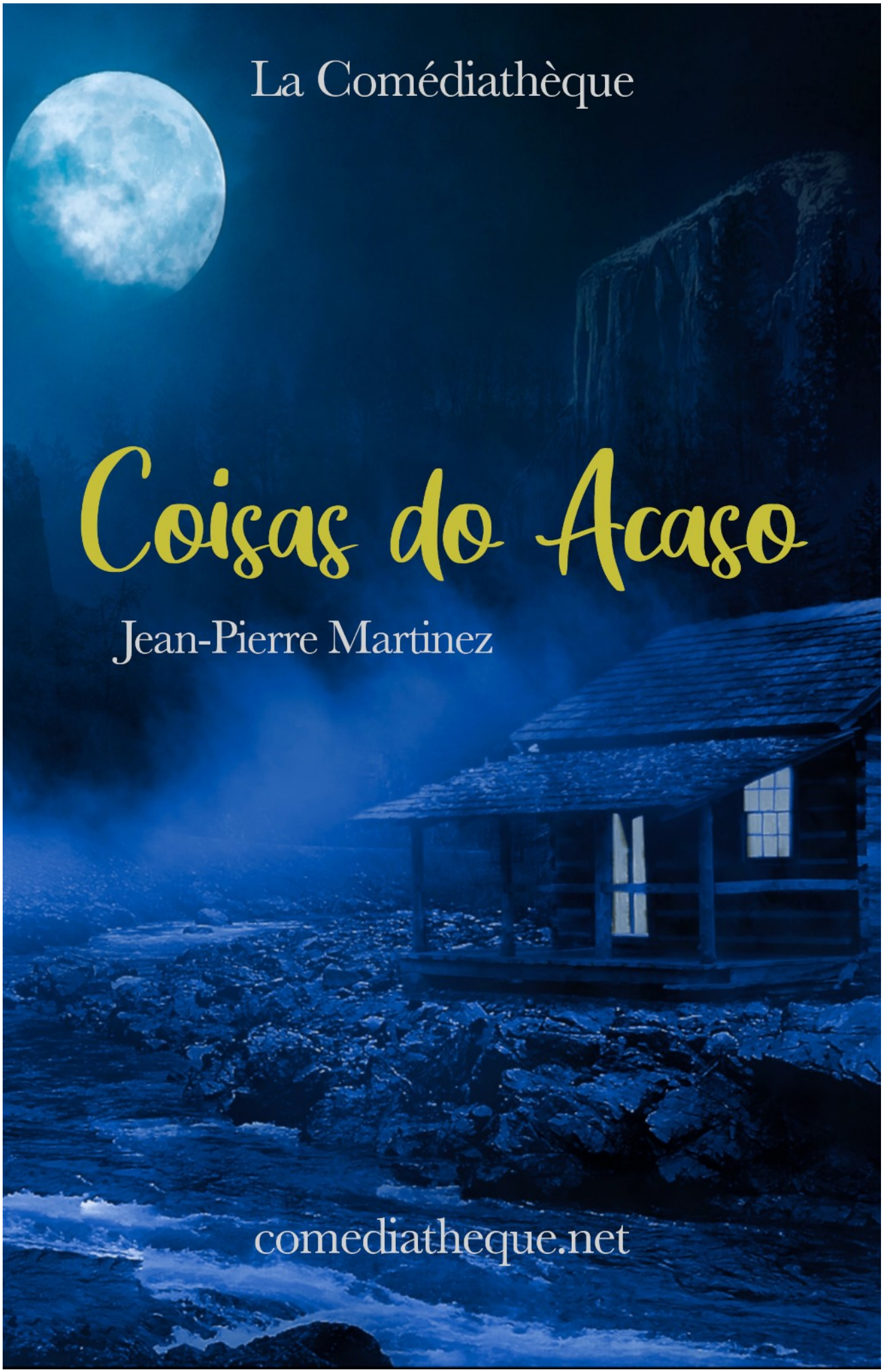

La Comédiathèque
Coisas do Acaso
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Coisas do Acaso

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

No Bar do Acaso, Clara e Vicky, imobilizadas por furos nos pneus dos seus carros, cruzam-se com Pedro e com o fantasma de Virgínia. Um encontro insólito, que depressa se transforma num reencontro... e num ajuste de contas. Porque nem sempre o acaso faz bem as coisas...

Personagens
Clara
Vicky
Pedro

© La Comédiathèque

Um bar de estrada, com uma decoração bastante modesta. Ao centro, um balcão e, à frente, três mesas, cada uma com a sua cadeira. Por cima do balcão, um letreiro: «Bar do Acaso». Entra uma mulher. Não conhece o sítio e surpreende-se ao encontrá-lo deserto. Dá alguns passos e pigarreia para assinalar a sua presença.

Clara *(timidamente)* – Está aí alguém? *(Dá mais uns passos e repete, mais alto.)* Está aí alguém? Parece que não... Agora até já falo sozinha... *(Hesita, senta-se numa das mesas, tira o telemóvel e consulta o ecrã.)* Continuo sem rede... *(Ergue a cabeça e olha em volta.)* Mas que fim de mundo é este? *(Aproxima-se do balcão.)* Tem de haver um telefone neste bar... *(Procura no balcão, sem encontrar nada, e suspira.)* Ao menos bebia um café... Isto é incrível! Qualquer pessoa podia entrar aqui e levar a caixa... *(Repara numa garrafa e em três copos sobre o balcão.)* Bem, posso beber qualquer coisa enquanto espero... *(Serve-se, esvazia o copo de um trago e quase se engasga.)* Ufa! Isto deve ser aguardente caseira... *(Mais animada, quase aos gritos.)* Está aí alguém? Não é possível! Tem de haver um telefone algures!

Clara *passa para trás do balcão e, ao remexer nas prateleiras, deixa cair um retrato emoldurado. Agacha-se para o apanhar e desaparece da vista do público. Entra uma segunda mulher. Sem ver ninguém, repete o mesmo ritual da primeira, mas com mais energia.*

Vicky *(aos gritos)* – Está aí alguém? *(Clara, sobressaltada, surge de trás do balcão com o retrato na mão.)* Ah, olá! Pensei que não estava cá ninguém. Queria um café, se faz favor.

Clara – Ah, não... Quer dizer...

Vicky – Não faz mal, pode ser um chá, se preferir... Tem telefone? Aqui não há rede...

Clara – Sim, já reparei... Mas... há um mal-entendido. Não sou a dona...

Vicky – Está bem... Mas pode servir-me um café, ou um chá, não pode?

Clara – Também não sou a empregada. Sou uma cliente, como a senhora.

Vicky – Ah, estou a ver... Então o que faz atrás do balcão?

Clara – Estava precisamente à procura de um telefone.

Vicky – E encontrou?

Clara – Não...

Vicky – E onde está a dona?

Clara – Não faço ideia...

Vicky – Não faz ideia?

Clara – Como é que havia de saber?

Vicky – Sei lá... Acabou de dizer que não é a dona. Portanto, sabe que existe uma dona.

Clara – Não foi nada disso! Só quis dizer que a dona não sou eu. E se calhar nem há dona nenhuma. Pode ser um dono...

Vicky – Estou a ver... Portanto, não trabalha aqui.

Clara – Exatamente...

Vicky – É que a vi atrás do balcão...

Clara – Bem, também não vamos passar a noite a discutir isso.

Vicky – Espero bem que não... Estou toda rebentada...

Clara – Eu também...

Vicky – Quero dizer... rebentei dois pneus. Naquela estrada ali... Embora chamar-lhe estrada seja um exagero. Mais parece um caminho rural. E só tenho uma roda sobresselente.

Clara – Ah, a senhora também?

Vicky – Pois claro... Por mais previdente que seja, ninguém anda com duas ou três rodas sobresselentes na bagageira...

Clara – Não, quero dizer... também ficou com o carro avariado? É que eu também furei pneus.

Vicky – Furou um?

Clara – Três.

Vicky – A sério? Também?

Clara – É o que estou a tentar explicar-lhe.

Vicky – E já chamou a assistência?

Clara – Como acabou de dizer, não há rede! E também não encontrei um telefone fixo...

Vicky – Pois...

Clara – Nem sei o que vai ser de nós... Ainda bem que a senhora também furou pneus...

Vicky – Acha isso uma sorte?

Clara – Bem, ao menos não estou sozinha... Nem a senhora...

Vicky – Vamos manter a calma. Há de aparecer alguém...

Clara – Se a senhora o diz...

Vicky – Isto é um café, não é? E a porta está aberta.

Clara – É... *(Olha para o letreiro.)* «Bar do Acaso»... Que nome estranho para um café. Não sei se é bom sinal...

Vicky – Sabe mudar uma roda?

Clara – Sei... Quer dizer, acho que sim. Nunca o fiz, mas não há de ser assim tão difícil... O problema é quando se tem vários pneus furados e só uma roda sobresselente...

Vicky – É inacreditável...

Clara – Uma verdadeira maré de azar...

Vicky – Cinco pneus furados em cinco minutos é mais do que uma maré de azar. E eu não acredito em coincidências...

Clara – Quer dizer que...?

Vicky – Alguém deve ter espalhado pregos na estrada. Ou cacos de vidro. Não vejo outra explicação...

Clara – Mas... porquê?

Vicky – Sei lá! Talvez algum mecânico, para arranjar clientes...

Clara – Nesse caso, é estranho que ainda não esteja aqui a receber encomendas...

Vicky – Quem?

Clara – O mecânico! E eu não vi nenhuma oficina por aqui. A senhora viu?

Vicky – Não. Aliás, por estas bandas não há grande coisa...

Clara – Lembra-se do filme «Shining»?

Vicky – Não especialmente...

Clara – Quer que lhe conte a história?

Vicky – Preferia que não...

Clara – Mas é ótimo! Uma mulher para num motel isolado, a meio da noite, durante uma tempestade. E o dono acaba por ser um psicopata...

Vicky – Isso é «Psicose».

Clara – Como?

Vicky – Está a falar de «Psicose», não de «Shining».

Clara – Ah, sim, talvez... Não percebo muito de cinema... A propósito, ainda não me apresentei. *(Estende-lhe a mão.)* Clara.

Vicky *(apertando-lhe a mão)* – Vicky.

Clara – Bom... E agora, o que fazemos?

Vicky – Esperamos, suponho. Que mais podemos fazer?

Vicky dá uma volta à sala e detém-se diante de uma porta, que não precisa de estar visível. Tenta abri-la.

Vicky – Há ali uma porta, mas está fechada à chave...

Clara – Podíamos ir a pé até à aldeia mais próxima...

Vicky – Sabe-se lá a quantos quilómetros fica... E com estes saltos...

Clara – Além disso, não tarda a anoitecer...

***Vicky** olha em volta.*

Vicky – Que estranho... Tenho um pressentimento.

Clara – Um mau pressentimento?

Vicky – É como se já conhecesse este lugar.

Clara – A sério?

Vicky – Como se aqui tivesse estado há muito, muito tempo.

Clara – Noutra vida?

Vicky – Pelo menos quando havia alguém a atender o bar.

Clara – Uma dona... ou um dono.

Vicky aproxima-se do balcão.

Vicky *(ao reparar no retrato)* – E esta fotografia?

Clara – Um retrato... Acho que parti o vidro. A dona ainda me vai dar um raspanete...

Vicky pega no retrato e examina-o.

Vicky – É estranho…

Clara – Não me diga que esta fotografia também lhe faz lembrar alguma coisa, porque já estou a ficar assustada...

Vicky – Não sei... Não é só a fotografia. É uma sensação de déjà vu. Como se já tivesse vivido isto...

Clara – Como assim?

Vicky – Nunca lhe aconteceu sentir que está num filme que já viu, mas não se lembra do fim?

Clara – Espero que o seu filme acabasse bem...

Vicky – Não sei…

Clara – Bem, vou beber mais um copo. *(Pega na garrafa e serve-se.)* Quer?

Vicky – O que é isso?

Clara – Não faço ideia. Perguntamos quanto devemos quando aparecer alguém.

Vicky – Está bem.

***Clara** serve-lhe um copo. Brindam.*

Clara – Não vamos desanimar por uns pneus furados.

Vicky – Tem razão.

Clara – Embora, entre as duas, já sejam cinco...

Bebem de um trago.

Vicky (*fazendo uma careta*) – Mas o que é isto?

Clara – Não há nada escrito na garrafa. Nem sequer tem rótulo…

Vicky – A dona deve destilar isto na cave, num alambique clandestino.

Clara – Acha que podemos meter-nos em sarilhos?

Vicky – Não acha que já estamos metidas em sarilhos? Sozinhas, de noite, num bar perdido numa aldeia fantasma... Começo a perguntar-me se quero mesmo que apareça alguém.

Clara *olha-a, inquieta. Pedro entra com um saco de viagem na mão. Assim que abre a porta, ouve-se um trovão e vê-se um relâmpago.*

Clara – Estamos salvas! É o dono!

Vicky *fica mais reservada. O homem aproxima-se do balcão, cauteloso.*

Pedro – Olá…

Vicky – Já estávamos a perguntar-nos se havia alguém.

Pedro – Alguém?

Clara – Não é o dono?

Pedro – Não… Estava só a passar por aqui e…

Vicky – Não me diga que também furou pneus...

Pedro – Como é que sabe?

Clara – Quantos?

Pedro – Quantos…?

Clara – Quantos pneus?

Vicky – Quantos pneus furou?

Pedro – Não vão acreditar...

Clara – Quatro?

Pedro – Quatro.

Vicky – Ora essa... Os meus respeitos...

Pedro – Então vocês também... furaram pneus.

Vicky – Sim…

Pedro – Mais do que um cada uma, imagino. Caso contrário, já teriam mudado a roda.

Clara – Três.

Vicky – Dois.

Pedro – Isto é impossível… É uma emboscada!

Vicky – Sim, era o que pensávamos…

Clara – Ao menos agora que está aqui sentimo-nos um pouco mais seguras.

Pedro – Ah, sim?

Clara – Não, quero dizer… com um homem.

Vicky – Sim... A não ser que tenha sido ele.

Pedro – Eu?

Clara – Ele, o quê?

Vicky – Ele é que pode ter espalhado os pregos na estrada.

Clara – É mecânico?

Pedro – Eu? Nem pensar! Também furei os meus quatro pneus. Porque havia de espalhar pregos na estrada para estragar o meu próprio carro?

Vicky – Admitamos...

Pedro – Obrigado pela confiança. Estou comovido...

Vicky – Desculpe, mas há tantos malucos à solta...

Pedro – É verdade que isto parece o motel de «Psicose», mas fiquem descansadas. Não tenho a minha mãe empalhada lá em cima. *(Um momento, pensativo.)* Embora...

Clara – Embora o quê?

Pedro – Não sei… Uma sensação…

Vicky – Ah! Tu também!

Clara – Conhecem-se?

Pedro – Não…

Vicky – Bem, acho que não…

Clara – Não, é que acabaste de o tratar por tu...

Vicky – Tratei-o por tu?

Pedro – Não sei...

Clara – De qualquer forma, se vocês estão a conspirar para me pregar um susto, não acho graça nenhuma.

Pedro – O meu carro tem os quatro pneus furados. Isso não é brincadeira. E continuo sem rede no telemóvel. Há telefone aqui?

Vicky – Já procurámos por todo o lado. Não encontrámos nenhum.

Pedro – Bom, então, o que fazemos?

Clara – Estávamos a contar um pouco contigo para nos dizeres...

Pedro – Ah, agora já nos tratamos todos por tu?

Vicky – Se vamos passar a noite juntos, é melhor dispensar cerimónias.

Pausa.

Pedro – Então, não há mesmo ninguém?

Clara – Ninguém... É uma loucura...

Vicky – Há uma porta ali, mas está trancada...

Pedro – Ah, já percebo... Melhor... Quer dizer, que pena...

Pausa.

Vicky – Não trazes saltos altos, pois não?

Pedro – Não... Hoje não... E então?

Vicky – Podias ir a pé até à aldeia mais próxima e chamar um mecânico.

Pedro – A aldeia mais próxima...? Sim, podia...

Clara – Mas?

Pedro – Digamos que prefiro não vos deixar aqui sozinhas.

Clara – Confesso que isso me tranquiliza. (*Para Vicky*) E a ti?

Vicky – O que me tranquilizava era sair daqui o mais depressa possível. Se ninguém for buscar ajuda, não sabemos quando é que isto acaba...

Pedro – Nem como...

Clara – Ajuda? Até agora só falávamos de um mecânico. Isto começa a dar mesmo medo...

Ouve-se um trovão. O homem aproxima-se de uma suposta janela.

Pedro – Lá fora chove a cântaros e está um breu.

Vicky – Não nos queres deixar sozinhas... Diz antes que estás cheio de medo.

Pedro – Não me apetece sair de noite, durante uma tempestade, à procura de uma aldeia que pode ficar a quilómetros. Chamo a isso prudência...

Vicky – Chama-lhe o que quiseres.

Clara – Não comecemos a discutir! Se queremos sair daqui, temos de manter-nos unidos.

Vicky – Tens razão, desculpa...

Clara – Podia ser pior... Pelo menos estamos abrigados.

Vicky – Sim... Mas se tivermos de passar aqui a noite, eu não vinha preparada...

Clara – Nem eu. E mesmo que tivesse uma mala na bagageira... Com esta chuva...

Pedro – E não creio que possamos contar com o serviço de quartos...

Vicky – Tu, pelo menos, trouxeste um saco. És previdente...

Pedro (*olhando em volta da sala*) – Não tenho a impressão de que os donos vivam aqui.

Clara – Vi algumas casas em ruínas, mas nenhuma luz.

Vicky – Sim, parece uma aldeia abandonada.

Clara – É estranho, um bar aberto, assim plantado no meio do campo, numa aldeia fantasma.

Pedro – Especialmente um bar sem dono e sem clientes.

Clara – Bem, nós estamos cá, mas também dispensávamos... Queres um gole deste licor para te aqueceres?

Pedro – Obrigado, prefiro não beber álcool.

Vicky – Fazes bem. Convém que alguém fique lúcido. Serás o nosso condutor de serviço.

Clara – Infelizmente, não nos podes levar a casa completamente bêbadas. Os nossos três carros estão imobilizados.

Vicky – Sinto-me como uma náufraga numa ilha deserta.

Clara – Sim, náufragas na estrada...

Vicky – Bem, deserta... não completamente...

Clara – Preferias estar sozinha?

Vicky – Não... Mas se alguém tivesse uma ideia para nos tirar daqui...

Pausa.

Pedro – Que carros é que têm?

Vicky – Um pequeno utilitário vermelho. Porquê?

Pedro – E tu?

Clara – Um igual, mas azul.

Pedro *(para Vicky)* – E tu disseste que furaste dois pneus. Se pusermos no teu carro as duas rodas sobresselentes, uma de cada carro, alguém poderá ir até à oficina mais próxima.

Vicky – Sim, isso faz sentido...

Pedro – Até admira que não se tenham lembrado antes... Bem, deem-me as chaves. Onde estão estacionados os carros?

Vicky – Calma lá... Ainda há pouco o senhor não queria sair à chuva, com medo de se molhar...

Pedro – Sim, mas agora temos uma oportunidade de não passar aqui a noite.

Clara – A Vicky tem razão. Quem nos garante que não vais fugir com os nossos carros?

Pedro – Para começar, cinco dos vossos oito pneus estão furados. Além disso, não consigo conduzir dois carros ao mesmo tempo...

Vicky – Sim, mas depois de mudar as rodas! Vais supostamente buscar ajuda. Que garantia temos de que voltas?

Clara – Desculpa, mas não te conhecemos de lado nenhum. Podias ter organizado tudo isto para roubar um carro.

Pedro – Um utilitário? Se fosse ladrão de carros, escolhia um modelo mais caro e um método mais simples.

Vicky – Mas espalhar pregos na estrada é como lançar uma rede ao mar. Nunca se sabe se se apanha um peixe grande ou um pequeno... Bem, vocês percebem.

Pedro, exasperado, tira um molho de chaves do bolso e estende-o às duas mulheres.

Pedro – Tomem, são as chaves do meu todo-o-terreno...

Clara – Mas o que nos prova que tens um carro a condizer com essas chaves? Nós não o vimos. Tu viste, Vicky?

Vicky – Não...

Pedro – Podem vir comigo! Mudar duas rodas debaixo de chuva, percorrer quilómetros de estrada de montanha durante a noite com um desconhecido, encontrar uma oficina fechada, acordar o mecânico e convencê-lo a vir socorrer-nos...

Clara – Visto assim...

Pedro – Vocês são muito desconfiadas, mas não estão propriamente em condições de negociar. Portanto, é pegar ou largar. Está bem?

Vicky pega no molho de chaves que Pedro lhe estende.

Vicky – Está bem... O meu carro está mesmo em frente, no estacionamento.

Clara – O meu também.

As duas mulheres entregam-lhe as suas chaves.

Pedro – Volto para vos buscar o mais rapidamente possível. Com um mecânico…

***Pedro** sai, deixando o saco de viagem.*

Clara – Acho que podemos confiar nele, não?

Vicky – Temos escolha? *(Olha para o molho de chaves.)* Um todo-o-terreno de luxo... Carro de traficante...

Clara – E deixou o saco... *(Aproxima-se dele.)* Pergunto-me o que estará lá dentro.

Vicky – Não sei… Drogas?

Clara – Achas?

Vicky – Dá uma espreitadela!

Clara *hesita e está prestes a abrir o saco quando Pedro regressa.*

Pedro – Desculpem… Esqueci-me disto…

Vicky – Não queres deixá-lo aqui? Porquê?

Pedro – Digamos que eu também sou desconfiado...

Pedro *volta a sair, levando o saco.*

Clara – Resta-nos apenas esperar, então…

Vicky – Sim… Rezando para que esse canalha realmente volte para nos buscar.

Clara – Nunca vamos saber o que levava naquele saco.

Vicky – Parece que aquele saco é muito importante para ele...

Clara – Queres outro trago?

Vicky – Não seria muito razoável… Não sei o que é, mas é forte…

Clara – Eu também começo a sentir-me zonza. Espero que esse sádico não nos tenha drogado…

Vicky – O quê?

Clara – Se tudo isto for uma armadilha… Pode ser que ele tenha deixado essa garrafa no balcão com drogas lá dentro. Para abusar de nós depois…

Vicky – Violar-nos às duas e depois fugir com os nossos utilitários velhos? Nesse caso, tinha escolhido modelos mais novos... e mais luxuosos.

Clara – Enfim, quando não há melhor...

Vicky – Era uma das expressões preferidas da minha tia. Sobretudo quando nos punha no prato coisas que ninguém conseguia identificar...

Clara – Pois... Mas se ficarmos aqui uma semana, não sei o que acabaremos por comer.

Pausa.

Clara – Alguém te espera?

Vicky – Não, ninguém em especial. E a ti?

Clara – A mim, também não… Dá para acreditar? Ninguém notaria a nossa ausência…

Vicky – Pelo menos, não antes de alguns dias.

Clara – Normalmente, nunca passo por aqui. Quis atalhar. Nem sequer sei bem onde estamos.

Vicky – E não é com os nossos telemóveis que poderiam localizar os nossos corpos. Não há rede…

Clara – Ao menos dás esperança.

Vicky – E ele, o que estará a fazer aqui?

Clara – Não sei… E tu?

Vicky – Eu, o quê?

Clara – O que fazes por aqui?

Vicky – Eu ia a um funeral, numa aldeia perdida. O GPS avariou e nunca dei com o sítio. Só estava a tentar voltar para casa...

Clara – Alguém da família?

Vicky – Uma tia-avó de quem quase me tinha esquecido. A mesma de que falei há pouco. Nem sei porque continuo a ir a estes funerais.

Clara – Quando se recebe uma participação de falecimento, uma pessoa sente-se obrigada...

Vicky – Como não tinha herdeiros diretos, deixou-me uns milhares de euros. Eram as poupanças dela. Bem lho devia... Embora, depois de pagar o maldito funeral, ainda seja capaz de ficar a perder.

Clara – E nem sequer pudeste assistir…

Vicky – Provavelmente ninguém notou a minha ausência. Sobretudo se não apareceu mais ninguém no funeral. Era uma megera. Toda a gente a detestava.

Clara – Tu também?

Vicky – No verão, os meus pais trabalhavam. Podiam ter-me deixado em casa dela, no campo, mas ela arranjava sempre desculpas. Por isso mandavam-me para uma colónia de férias. Ano após ano, até eu fazer quinze anos. E tu?

Clara *(pensativa)* – Uma colónia de férias?

Vicky – E tu? O que andavas a fazer por aqui?

Clara – Ah, sim… Vais rir-te, mas eu também ia a um funeral.

Vicky – Era engraçado... Não me digas que íamos ao funeral da mesma tia, que somos primas e que agora tenho de dividir a herança contigo...

Clara – Não, era o funeral do meu marido.

Vicky – Ah… Lamento…

Clara – Não é preciso... Estávamos separados há mais de dez anos. Fui mais por obrigação. Enfim, página virada.

Vicky – Sim…

Clara – Nem sequer posso contar com a herança dele. O divórcio acabou de ser decretado, depois de anos de processo.

Vicky – Isso é realmente azar.

Clara – Pois… Embora me tivesse dado jeito. Estou farta de trabalhar todos os dias, até aos domingos e feriados, por um salário miserável.

Vicky – E o que fazes?

Clara – Sou auxiliar de enfermagem.

Vicky – Que trabalho de merda, não?

Clara – Sim… E tu?

Vicky – Sou ajudante de contabilidade. Também não é muito entusiasmante, mas suja-se menos...

Clara – És casada?

Vicky – Viúva… Três vezes.

Clara – Desculpa…?

Vicky – Casei três vezes. Fiquei viúva três vezes. Parece que não tenho sorte com o casamento.

Clara – Isso é pouco habitual... Lamento muito.

Vicky – Acredita, não é fácil encontrar um candidato para ser o quarto…

Clara – Então, se percebi bem, também tu não és muito feliz…

Vicky – Há pessoas assim, que não são feitas para a felicidade…

Clara – Talvez devesses tentar ver alguém.

Vicky – Fui a um psicanalista durante cinco anos. Custou-me os olhos da cara.

Clara – E...?

Vicky – Ao fim de cinco anos, percebi que, depois de cada sessão, só a minha conta bancária é que ficava mais leve.

Clara – Então deixaste de ir...

Vicky – Sim... Mas antes fiz questão de recuperar o dinheiro que tinha gasto.

Clara – Desculpa?

Vicky – Os psicanalistas recebem tudo em dinheiro, sem recibos. Eu sabia onde aquele sacana guardava as notas de cinquenta. No último dia, enquanto ele falava ao telefone com a vítima seguinte, levei-lhe o dinheiro todo.

Clara – E ele não te denunciou?

Vicky – Não. Talvez ele também não quisesse problemas com o fisco...

Clara – Nunca tinha ouvido falar de alguém que assaltasse o próprio psicanalista...

Vicky – E garanto-te que não tem risco nenhum. Até me pergunto se não acabei por ter lucro...

***Pedro** regressa encharcado, com o saco de viagem na mão, e deixa-o junto do balcão.*

Clara – Então?

Pedro – Não encontrei nenhuma roda sobresselente no carro vermelho.

Vicky – Não havia nenhuma?

Pedro – Nenhuma.

Clara – Não sabias que não tinhas uma?

Vicky – Comprei o carro em segunda mão. Nem me lembrei de verificar se trazia roda sobresselente.

Pedro *(olhando para Vicky, furioso)* – Estou encharcado até aos ossos.

Vicky – Ou então roubaram-ma... Há quem roube rodas sobresselentes, não há?

Clara – Mas tu tens uma roda sobresselente, não tens?

Pedro – Tenho, mas o meu carro é um todo-o-terreno. Duvido que a roda dê para um desses vossos carrinhos de merda.

Clara – Olha a linguagem!

Vicky – Não é por o senhor ter um grande...

Pedro – Tu, é melhor ficares calada, antes que eu perca a paciência.

Vicky – Está bem, não disse nada...

Clara – Estamos todos nervosos, é normal. Mas vamos acalmar-nos. Também não é o fim do mundo.

Pedro – Fala por ti...

Clara – Alguém acabará por passar nesta estrada. Vai ver os nossos três carros, os pneus furados, e vai avisar a polícia.

Pedro – A polícia...

Vicky – Parece que a ideia não te agrada... Não queres que a polícia apareça?

Pedro – Não vou ficar aqui à espera que apareça alguém, é assim tão difícil de perceber? *(Consulta o telemóvel.)* Continuo sem rede...

Clara – E então? O que propões?

Pedro – Eu? Não proponho nada! Assim que parar de chover, vou-me embora. E vocês desenrasquem-se.

Vicky – Muito cavalheiro, obrigada...

Pedro – Entretanto, vou beber um copo para aquecer.

Pedro *aproxima-se do balcão, serve-se e esvazia o copo de um trago, começando a tossir.*

Vicky – Sim, é mesmo uma bebida de homens...

Silêncio. Cada um senta-se numa mesa.

Clara – Já não se ouve a tempestade... (*Dirige-se à janela para olhar lá fora*) Parece que parou de chover...

Vicky – Já podes ir-te embora e deixar-nos à nossa triste sorte...

Mas o homem não parece ter pressa de sair.

Clara – Mudaste de opinião?

Pedro – Não consigo andar muito. Nem durante muito tempo...

Clara – Porquê?

Vicky – Não me digas que afinal usas saltos altos...

Pedro – Tenho os pés chatos...

Clara – Pés chatos? Pensava que isso era só uma desculpa para escapar ao serviço militar...

Pedro – Infelizmente, há gente que realmente tem os pés chatos...

Vicky – Afinal estás condenado a ficar connosco. Que azar... *(Uma pausa.)* Se tivéssemos um baralho, podíamos jogar uma partida.

Clara – Queres que procure para ver se encontro um?

Vicky – Estava a brincar... Nem sequer me apetece jogar às cartas. E a ti?

Clara – Não, na verdade, não…

Clara começa a andar de um lado para o outro.

Pedro – Podias parar de te mexer assim? Estás a pôr-me nervoso.

Clara – Desculpa… (*Senta-se numa mesa e, de repente, parece perturbada*) Porquê esta mesa?

Vicky – Vamos agora fazer filosofia? Porquê esta mesa? Porquê esta cadeira? Porque é que existe alguma coisa em vez de nada?

Pedro – E porque é que não há roda sobresselente...?

Vicky – E se a minha tia tivesse rodas, era uma bicicleta...

Clara – Não, quero dizer… Aqui há três mesas. Não sei por que me sentei nesta mesa em particular. Podia ter escolhido outra. Porquê esta, precisamente?

Pedro – O acaso, suponho… Que importa? Não vamos passar a noite a falar disto.

Clara – Como se fosse o meu lugar habitual...

Vicky – O lugar habitual? Costumas vir aqui muitas vezes?

Clara olha para o letreiro do bar.

Clara – «Bar do Acaso»... Tenho a certeza de que conheço este sítio... Mas de onde?

Vicky – O que eu gostaria era de poder esquecê-lo muito rápido...

Clara – Então, já estiveste aqui antes?

Vicky – Não sei...

Clara – Mas antes disseste que este sítio te era familiar...

Vicky – É um bar de estrada… Todos podemos ter parado aqui alguma vez, há muito tempo, com os nossos pais, a caminho das férias...

Clara – As férias... Já sei! O Bar do Acaso! Estive aqui numa colónia de férias!

Vicky – Ah, sim?

Clara – Tu também?

Vicky – Sim, pode ser...

Clara – Foste tu que falaste há pouco das colónias de férias... Porque a tua tia não queria receber-te em casa.

Vicky olha em volta.

Vicky – Sim, soa-me vagamente...

Clara – Claro! Foi aqui!

Vicky – Aqui o quê?

Clara – Aqui foi onde perdi a minha virgindade!

Vicky parece impactada.

Vicky – Não pode ser... Agora que falas nisso, eu também…

Pedro – Bem, estou a incomodar-vos?

Vicky – A colónia de férias! Ficava mesmo ali, na floresta. Aborrecíamo-nos tanto... Vínhamos aqui ter com os rapazes.

Clara – Para podermos beijar-nos sem sermos vistas pelos monitores.

Vicky – Ou com eles, às vezes...

Clara – Sim... E mais, se surgisse alguma coisa. No celeiro, ali ao lado...

Vicky *(olhando para a mesa)* – Não acredito... Ainda estão cá os nossos nomes gravados na madeira...

Clara – Por isso é que me sentei nesta mesa sem pensar! Olha, ele gravou os nossos nomes com um canivete: Clara e Pedro.

Vicky – Pedro?

Pedro – Pedro?

Clara – O monitor da colónia. Foi com ele que... enfim, foi a minha primeira vez. Eu devia ter quinze anos; ele tinha mais cinco...

Vicky – Tinha acabado de conseguir o título de monitor.

Clara – Então, tu também...? Estiveste na colónia de férias aqui perto?

Vicky – Não reconheci a aldeia. Naquela época, ainda estava um pouco habitada... Acho que também não foi por acaso que escolhi esta mesa... Olha... O meu nome também está gravado aqui... junto ao de...

Clara levanta-se e olha.

Clara – Pedro?

Vicky – Talvez não tenha sido no mesmo ano...

Clara – Foi no verão em que acabei a escola... Os outros foram fazer uma caminhada noturna para ver o fogo de artifício. A minha melhor amiga estava de castigo. Eu fingi estar doente para ficar com ela. Como é que se chamava, mesmo?

Vicky – Vicky.

Clara – Claro! Vicky! Eras tu! Não te teria reconhecido.

Vicky – Eu também não... Mudámos um pouco, imagino. Mas... também não me lembrava que fôssemos tão amigas...

Clara – A amizade é como o amor, nem sempre é recíproca...

Vicky – E o Pedro, o monitor, ficou connosco para nos vigiar. Está-se mesmo a ver como nos vigiou...

Clara – De qualquer forma, estava isento da caminhada... porque tinha algo estranho.

Vicky – O que era mesmo...? Não era nenhuma doença contagiosa, mas quase dava vergonha dizê-lo...

Clara – Ele tinha os pés chatos...

Vicky – Isso mesmo!

As duas mulheres viram-se para o homem.

Pedro – Muita gente tem os pés chatos. E garanto-vos que nunca na vida pus um pé aqui…

Vicky – Outra coincidência, suponho... E aposto que nem sequer te chamas Pedro, pois não?

Pedro – Não. E também não tenho nenhum diploma de monitor de colónias de férias...

Clara – Então, como te chamas?

Pedro – Se não se importam, prefiro esperar até nos conhecermos um pouco melhor para me apresentar.

Clara – Se nos tiraste a virgindade a ambas, pode-se dizer que já somos bastante íntimos...

Pedro – Digo-vos que não sou o Pedro e que nunca tirei a virgindade a ninguém... Que eu saiba... Em qualquer caso, não aqui... E, certamente, não a vocês.

Clara – Que cabrão!

Vicky – Sim... Nós tínhamos quinze anos e ele vinte. Isso já roçava a corrupção de menores.

Clara – Também não me violou, é claro, mas jurou que me amava. Que eu era a única. E contigo foi a mesma coisa?

Vicky – Foi. Também me jurou que só estava comigo e que íamos casar. Eu era nova... Acreditei.

Clara – Para ser sincera, ele pouco me importava. Queria era perder a virgindade. Ser mulher.

Vicky – Foi na noite do fogo de artifício. Os outros tinham ido todos assistir.

Clara – A sério? Não me digas que tu também... Então nós as duas... foi na mesma noite?

Vicky – Belo fogo de artifício... Não passou de um foguete molhado...

Clara – Sim, é verdade… Também estava a chover nessa noite…

Vicky – Não, estou a falar da minha primeira vez com o Pedro. Porque não eram só os pés que ele tinha chatos... Ainda hoje me pergunto como conseguiu estrear-nos às duas, uma atrás da outra.

Pedro – E depois dizem que os homens são vulgares…

Vicky – Mas é verdade que estava a chover nessa noite.

Clara – Sim. Lembro-me…

Vicky – Então foi no mesmo ano… Na mesma noite…

Pedro – Por estas bandas costuma chover quando há fogo de artifício.

Vicky – De repente, pareces conhecer muito bem a zona… Pedro...?

Clara aproxima-se do balcão e pega no retrato.

Clara – Eu sabia que esta cara me dizia alguma coisa... A Virgínia! Foi por causa dela que aquele sacana nos deixou às duas. Lembras-te?

Vicky – Virgínia… Era a filha da dona. Por isso é que está essa foto aqui…

Clara – Era muito bonita. Hoje deve ter a nossa idade.

Pedro – Se tinha a vossa idade naquela altura, provavelmente...

Clara – Sim, era muito mais atrevida do que nós, mas fazia-se passar por uma santa.

Vicky – Foi assim que conseguiu enganar aquele tonto. Porque é preciso reconhecer que não era muito esperto.

Clara – Não muito esperto, mas sim muito motivado.

Vicky – Pergunto-me se ele também não terá dormido com a mãe dela.

Clara – Com a mãe dela?

Vicky – A mãe da Virgínia! A dona do bar.

Clara – Esse tipo era um animal.

Vicky – Há que dizer que a dona também não era exatamente tímida.

Clara – É verdade.

Vicky – Segundo os rapazes da colónia, bastava mostrar-lhe uma nota...

Clara – Gastavam lá a mesada toda, mas aprendiam mais do que nas aulas de educação sexual da escola.

Vicky – E as aulas práticas estavam incluídas no preço.

Elas riem-se, enquanto lançam um olhar para Pedro, visivelmente incomodado. Clara recupera a seriedade.

Clara – Houve uma história sórdida naquele ano, não foi?

Vicky – Sórdida? Referes-te ao facto de ele nos ter estreado às duas na mesma noite, um sátiro de pés chatos?

Clara – Alguém roubou o dinheiro da caixa do bar. Lembras-te?

Vicky – Sim...

Clara – Como só nós três estávamos aqui naquela noite, acusaram o Pedro.

Vicky – Pobre…

Clara – Jurou que estava inocente... Mas foi expulso da colónia.

Vicky – Sim...

Clara – Não me orgulho disso, mas é verdade que fiquei satisfeita… Como uma espécie de vingança…

Pedro – Vingança?

Clara – Ele deixou-nos às duas! Por causa daquela cabra da Virgínia.

Pedro – Já percebi...

Clara – Já disse que não me orgulho disso. Mas não tive culpa de ele ter sido expulso por uma coisa que não fez.

Pausa.

Vicky – Fui eu.

Clara – O quê?

Vicky – Fui eu que roubei o dinheiro e arranjei maneira de o acusarem a ele...

Pedro – O quê? (*As duas mulheres olham para ele, intrigadas com a sua súbita reação, e ele repete, em voz mais baixa*.) Quero dizer... o quê?

Vicky – Eu sabia onde a dona guardava a chave do armazém. Era uma tentação.

Clara – Mesmo assim...

Vicky – Tinha-me oferecido o isqueiro dele, com as iniciais gravadas. Deixei-o perto da caixa, no escritório fechado à chave. Sabia que iam suspeitar dele. Também queria vingar-me.

Pedro – Isso é monstruoso!

Vicky – Que te importa, se dizes que não és o Pedro?

Pedro – Só me parece completamente irresponsável, nada mais.

Clara *(a Vicky)* – Estás a brincar, não estás? Queres provocá-lo para ele admitir que é o Pedro?

Vicky – Quem sabe...

Clara – Em qualquer caso, nunca encontraram o dinheiro.

Vicky – E os meus pais nunca mais me mandaram para uma colónia de férias.

Clara – A mim também não...

Vicky – Duas ou três raparigas voltaram grávidas nesse ano, é verdade...

Clara – Por causa desse obcecado sexual…

Pedro parece bastante perturbado.

Pedro – Vou sair para ver se ainda está a chover… e fumar um cigarro.

Ele sai. As duas mulheres olham-se.

Clara – Achas que é ele?

Vicky – O monitor? Não sei... Seria uma coincidência espantosa encontrarmo-nos aqui os três.

Clara – Embora, bom... é o Bar do Acaso...

Vicky – Tudo por causa de uma série de furos nos pneus... E se não tivesse sido por acaso?

Clara – O quê?

Vicky – Pelo menos os furos. Às vezes a polícia espalha dispositivos para furar pneus nos bloqueios de estrada...

Clara – Por que motivo fariam um bloqueio?

Vicky – Sei lá! Talvez procurem um terrorista. Ou um criminoso perigoso.

Clara – Ainda assim, ele não tem ar de terrorista. E também não vimos polícias.

Vicky – Talvez já tenham desmontado o bloqueio e se tenham esquecido de recolher os pregos.

Clara – Pode ser...

Pausa.

Vicky – Deixou o saco dele.

Clara – Ah, sim...

Vicky – Desta vez, é agora ou nunca.

***Vicky** aproxima-se do saco de viagem e abre-o.*

Clara – O que é que tem lá dentro?

Vicky – Não vais acreditar...

Clara – O quê?

Vicky – Dinheiro.

Clara – Dinheiro?

Vicky – Muito dinheiro.

Clara – Não pode ser… Então, realmente foi ele quem roubou a caixa do bar?

Vicky – Isso foi há trinta anos! Nem havia assim tanto dinheiro que desse para encher um saco...

Clara – Então, o que é todo este dinheiro?

Vicky – Também há uns desenhos... *(Tira algumas folhas.)* São plantas de um casino.

Clara – De um casino?

Vicky – Um casino de jogo, daqueles onde se aposta dinheiro! Aposto que foi lá que ele roubou isto...

Clara – Ora essa…

Vicky – Nunca vi tanto dinheiro de uma só vez. Nem no consultório do meu psicanalista...

Clara – Então ele é mesmo um ladrão…

Vicky – Aos vinte anos, acusaram-no injustamente. Talvez tenha decidido dedicar-se a isso, desta vez a sério…

Clara – O que fazemos? Chamamos a polícia?

Vicky – Não temos telefone, lembras-te? Se tivéssemos, não estaríamos aqui...

Clara – Ah, é verdade...

Vicky – Era melhor ires ver o que ele está a fazer...

Clara – Porquê?

Vicky – Se está a preparar alguma coisa.

Clara – Algo mau? Por que eu?

Vicky – Ele detesta-me. Tenta entretê-lo um bocadinho.

Clara – Para quê?

Vicky – Faz o que te digo, por amor de Deus! Pela nossa amizade... Afinal, eu era a tua melhor amiga.

Clara – Não estarás a pensar aproveitar-te para lhe roubar o dinheiro…

Vicky – O que achas?

Clara – Acho que és capaz disso. Roubaste ao teu próprio psicanalista.

Vicky – É verdade que isso também é dinheiro roubado...

Clara – Roubar dinheiro roubado continua a ser roubo?

Vicky – Receio que, perante a lei, isso também seja crime. Recetação, acho eu...

Clara – Vou...

Clara *sai. Vicky aproxima-se do balcão, tira uns comprimidos da sua mala de mão, esmaga-os e deita o pó num copo. Os outros dois quase a surpreendem quando voltam, mas ela mantém-se impassível.*

Vicky – Ainda está a chover?

Pedro – Não...

Vicky – Começámos com o pé esquerdo, tu e eu. Desculpa.

Pedro – Está bem… Não falemos mais disso...

Vicky – Vamos lá, brindemos todos juntos… Por este reencontro…

Clara – É incrível, não é? Estamos aqui contigo, nós as duas, as tuas antigas namoradas... Só falta a dona do bar.

Vicky – E a filha dela.

Clara – Não nos vais fazer o truque da avaria, pois não?

Vicky – Para reacender a paixão de duas antigas conquistas, trinta anos depois...

Pedro *não acha graça nenhuma. Vicky enche três copos, dá um a Clara e outro a Pedro.*

Pedro – Foste mesmo tu que roubaste o dinheiro da caixa, naquela altura?

Vicky – Digo-te, se tu me disseres se és mesmo o Pedro.

Pedro hesita.

Pedro – Está bem… Sou eu.

Clara – Isto é mesmo o destino! Dá um pouco de medo, não achas?

Ouvem-se os sons de fogos de artifício e veem-se reflexos de luzes coloridas.

Pedro (*inquieto*) – O que é isso?

Vicky – Hoje não é o dia da festa cá da região?

Clara – Outra coincidência...

Vicky – Um belo espetáculo de fogo de artifício... Uma comemoração, digamos.

Pedro – Agora é a tua vez de falar, Vicky… É como no póquer... Eu mostrei as minhas cartas, agora é a tua vez.

Vicky – Está bem. Fui eu que roubei a caixa do Bar do Acaso.

Clara – Eu imaginava… Mesmo naquela altura, já imaginava...

Vicky – Não havia assim tanto dinheiro. Foi uma desilusão. Tal como a minha primeira vez com o Pedro. Mas já disse: foi sobretudo por vingança...

Pedro – Vaca!

Clara – Tudo isso já é passado, não?

Pedro – Por tua culpa expulsaram-me daquela colónia. E nunca mais arranjei trabalho como monitor.

Vicky – Quando te marcam como delinquente sexual...

Pedro – Se a minha vida correu mal, a culpa é tua, sua cabra!

Vicky – Bem... Todos temos os nossos probleminhas...

Pedro – Vou estrangular-te!

Ele aproxima-se dela cambaleando, prestes a desabar, começando a sentir os efeitos do sonífero.

Clara – Meu Deus! Está a ter um ataque! Deve ser da emoção...

Pedro *(apoiando-se numa mesa)* – Não sei o que tenho... Estou cheio de tonturas... Aquela bruxa envenenou-me...

Vicky – São os comprimidos para dormir. Está a adormecer.

Clara – Soníferos?

Vicky – Os que pus no copo dele.

Clara – Mas porque é que fizeste isso?

Pedro desaba numa cadeira, adormecendo com a cabeça sobre a mesa.

Vicky – Ele ia estrangular-me!

Clara – Isto é um pesadelo… Não pode ser...

Vicky – Pois eu não penso em dormir aqui. Nem de pé, nem deitada...

Vicky *passa para trás do balcão, agacha-se e tira uma chave de um esconderijo.*

Clara – O que é isso?

Vicky – A chave do armazém. Continua no mesmo sítio.

Clara – Sabias onde a dona escondia a chave...

Vicky – Sim.

Clara – Então, foste mesmo tu que roubaste esse dinheiro?

Vicky – Obviamente!

***Vicky** vai até à porta fechada, abre-a e entra.*

Clara – Meu Deus, o que vamos encontrar atrás dessa porta? Os cadáveres do passado?

***Vicky** regressa.*

Vicky – Nem imaginas o quão perto estás...

Clara – O quê...?

Vicky – Tenho uma boa e uma má notícia.

Clara – Uma má notícia?

Vicky – Está lá dentro uma mulher. Pendurada ao telefone.

Clara – Bem, há de desligar...

Vicky – Não, quando digo «pendurada», é mesmo no sentido literal...

Clara – Não... Estás a brincar...

Vicky – Queres ir ver? Mas aviso-te que não é bonito. Enforcou-se com o fio do telefone.

Clara – Oh, não... É horrível... Diz-me que isto é um pesadelo… Que vou acordar…

Vicky – Nunca tinha visto uma pessoa enforcada, e acredita que não é bonito.

Clara – Temos de chamar a polícia.

Vicky – Continuamos sem rede. E para usar o fixo, primeiro tínhamos de a tirar de lá.

Clara – Ah, é verdade...

Vicky – Além disso, esta história começa a ser um pouco complicada de explicar à polícia, não achas?

Clara – Achas?

Vicky – Deixa-me resumir: por acaso, depois de furarmos uma série de pneus, reencontro-me com o monitor que me tirou a virgindade há trinta anos e com a rapariga a quem ele também a tirou na mesma noite. Na altura, acusaram-no injustamente de um roubo que eu cometi para me vingar de ele me ter trocado pela filha da dona do bar. Agora acabou de assaltar um casino, mas estamos todos presos aqui porque ele tem os pés chatos... Continuo?

Clara – Tens razão... Eu própria já estou a perder-me um pouco...

Vicky – E isto é a versão resumida.

Clara – Mas quem é ela? A mulher que está lá dentro.

Vicky – Não tenho a certeza, mas diria que... é a Virgínia.

Clara – Virgínia? A filha da dona?

Vicky – De qualquer forma, embora esteja toda azul, parece-se muito com a rapariga da foto.

Clara – Meu Deus. Mas, o que faz aqui?

Vicky – Talvez tenha ficado a tomar conta do bar depois da morte da mãe.

Clara – Quero dizer... o que faz aqui, enforcada?

Vicky – E que sei eu…?

Clara – Talvez tenha decidido enforcar-se depois de tu teres roubado a caixa do bar...

Vicky – O quê?

Clara – Talvez por causa disso o bar tenha falido. Ou a mãe dela tenha morrido.

Vicky – Mas isso foi há 30 anos!

Clara – Quem sabe? É o efeito borboleta... Uma coisa leva à outra... Nunca mais voltou a ver o Pedro. Talvez tenha ficado com o bar e dado aulas à noite aos rapazes da colónia para chegar ao fim do mês. Quem sabe se foi isso que a levou a este desespero...

Vicky – Pode ser...

Clara – É horrível!

Vicky – É o destino, não podemos fazer nada.

Clara – Temos de encontrar uma maneira de avisar a polícia.

Vicky – Se chamarmos a polícia, o Pedro vai ser preso. Desta vez, por um roubo que ele cometeu mesmo.

Clara – É verdade...

Vicky – O melhor é sairmos daqui...

Clara – Mas como?

Vicky – Essa é a boa notícia. Encontrei outra coisa naquele armário...

Clara – O quê?

Vicky *volta do armazém com uma roda de automóvel.*

Vicky – Uma roda sobresselente!

Clara – Não pode ser!

Vicky – E esta é a nossa roda da fortuna!

Clara – Como assim?

Vicky – Pegamos no dinheiro e desaparecemos...

Clara – Não podemos fazer isso...

Vicky – Esse homem aproveitou-se de nós quando éramos umas miúdas.

Clara – Bem, enfim...

Vicky – Além disso, enganou-nos às duas com aquela vaca da Virgínia. Querias vingar-te, sim ou não?

Clara – Sim, claro, mas...

Vicky – A Virgínia enforcou-se, e ele vai acabar na cadeia por um assalto que realmente cometeu. Nós ficamos com o dinheiro e vamos para algum sítio tropical. A vida não tem sido simpática connosco. Está na hora de nos vingarmos.

Clara – Achas mesmo?

Vicky – Queres passar o resto da vida como auxiliar de enfermagem? Tal como o meu psicanalista, o Pedro nunca se atreverá a apresentar queixa.

Clara – Não sei... Não parece muito moral, tudo isto...

Vicky – Se o acaso nos reuniu aqui aos três esta noite, há de ser por alguma razão...

Clara – Não sei porquê, mas confio em ti. E, além disso, tenho algo a confessar-te também.

Vicky – Ah, sim?

Clara – Admirava-te muito naquela época.

Vicky – E quando dizes admirar...?

Clara – Eras tudo o que eu não era. Atrevias-te a tudo...

Vicky – Pois vê bem, isso não me trouxe muitas coisas boas até agora.

Clara – Na verdade, se me deitei com o Pedro, foi só para fazer o mesmo que tu. Para me sentir mais próxima de ti.

Vicky – Ah, sim...?

Clara – Chegou a nossa hora, Vicky. Sinto-o. Vamos retomar esta história no ponto em que ficou interrompida há trinta anos.

Clara *aproxima-se de Vicky, que recua um passo.*

Vicky – Também há um telefone naquela sala... mas acho melhor não darmos nas vistas.

Clara – Depois de expulsarem o Pedro da colónia de férias, talvez ela tenha passado anos junto ao telefone, à espera de uma chamada dele que nunca chegou.

Vicky – A sério? Devias escrever romances...

Clara – E, desesperada, acabou por se enforcar com o fio do telefone...

Vicky – Sim... deve ser isso...

Clara – Tudo por causa da injustiça que cometeram contra o Pedro... E nós tivemos culpa.

Vicky – Injustiça? Também não exageres. Nem sequer houve julgamento.

Clara – Tens a certeza de que é a Virgínia?

Vicky – Não sei... Parece-se muito com a mãe... Sobretudo agora...

Clara – Agora que está enforcada ao telefone?

Vicky – Passaram trinta anos! Não esperes encontrar a rapariga que fazia perder a cabeça aos monitores. E olha para nós. Também não rejuvenescemos. Se quisermos um amante mais novo, vamos ter de pagar...

Clara – Não podemos deixá-los aqui sozinhos assim.

Vicky – Tens razão. Não somos monstros. *(Tira um maço de notas do saco e deixa-o junto de Pedro, que continua a dormir.)* Uma gorjeta para o pessoal, como se diz nos casinos.

Clara – Há algo que eu não entendo...

Vicky – O quê?

Clara – Como conseguiu enforcar-se e depois fechar a porta à chave por dentro, deixando a chave no mesmo esconderijo?

Vicky – Queres que chamemos a polícia para tentar resolver esse mistério?

Clara – Tens razão, não é da nossa conta, afinal de contas...

Vicky – Mas se queres a minha opinião, essa rapariga não se enforcou sozinha...

Clara – E os pregos? Quem os colocou?

Vicky – Devem ser cúmplices.

Clara – Pedro e Virgínia? Claro... Deve ser isso...

Vicky – Talvez ele a tenha matado e fingido um suicídio para ficar com todo o dinheiro.

Clara – E ela... Sabia que ele passaria por aqui depois do assalto e deixou os pregos para garantir que ele parasse aqui ao regressar, em vez de fugir com o dinheiro...

Vicky – Ou talvez seja o destino.

Clara – O destino?

Vicky – O Pequeno Polegar deixou pedrinhas para encontrar o caminho. Talvez o destino tenha espalhado pregos para provocar este reencontro...

Clara – No Bar do Acaso...

Vicky – Acho que tínhamos um encontro marcado aqui.

Clara – É a fatalidade.

Vicky – Virgínia... Agora me lembro! Acaso era o apelido dela. E o da mãe.

Clara – Claro... Daí o nome do bar.

Vicky – Diz-se que o acaso nem sempre faz bem as coisas.

Clara – Achas que somos responsáveis?

Vicky – Responsáveis pelo quê?

Clara – Pelo suicídio dela!

Vicky – Não sei, e não me interessa. Vamos, vamos embora...

Clara – Em que carro? No teu ou no meu?

Vicky – No meu só temos que trocar duas rodas.

Clara – Sim... mas o meu é quase novo.

Vicky tira uma moeda do bolso, lança-a ao ar e apanha-a com uma mão, tapando-a com a outra.

Vicky – Cara, vamos no teu; coroa, no meu.

Ela revela a moeda.

Clara – Vamos.

Vicky – Pega na roda sobresselente!

Clara – Ah, sim, desculpa...

Elas saem, uma leva o saco e a outra a roda sobresselente.

Escuro. Volta a luz.

Pedro acorda, sozinho. Vê o maço na mesa e percebe que o saco já não está.

Pedro – Malditas! *(Uma pausa.)* Não vão longe. Sabotei os travões do carro da Vicky. A descida é muito íngreme e há um precipício ao lado da estrada... *(Levanta-se, ainda a cambalear.)* Resta saber em qual dos dois carros vão montar as rodas da fortuna...

Ouvem-se pneus a chiar, seguidos de um estrondo.

Pedro – Afinal, há justiça... *(Uma pausa.)* Mas isso não me explica como é que eu vou sair daqui... *(Aproxima-se do balcão e olha para o retrato.)* Virgínia... Agora é impressionante como se parece com a mãe...

O telefone toca no armazém. Ele olha para a porta.

Pedro – A porta! Está aberta...

***Pedro** aproxima-se da porta e fica imóvel no limiar. O telefone continua a tocar.*

Pedro – O que faço? Atendo?

Entra no armazém. O telefone deixa de tocar.

Pedro – Olá?

Ouve-se uma sirene da polícia e veem-se reflexos de luzes azuis. Escuridão.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Novembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-279-1

Documento para download gratuito